



EDITORIAL

SINAIS DE CENA III.4

SINAIS DE CENA
SÉRIE III NÚMERO 4
JUNHO DE 2025

MARTA BRITES ROSA



DO FIM DO MUNDO A UM MUNDO NOVO

Este número da *Sinais de Cena* parte de um conhecido, mas nem por isso menos inquietante, diagnóstico: o fim do mundo não é uma ameaça longínqua, mas um processo já em curso. Os artigos reunidos neste **Dossiê Temático** – dedicado ao teatro, à ecologia e ao fim do mundo mundo e coordenado por Gustavo Vicente – revelam diferentes abordagens a esta tríade urgente. Em todos se reconhece um eixo comum: o questionamento sobre qual será o papel das artes na criação de uma consciência ecológica, social e política.

No artigo de Rui Pina Coelho, a extinção em massa não é tratada como uma possibilidade distante, mas como uma fatalidade em movimento. “O fim do mundo não vai acontecer, ele já está a acontecer”, escreve, apontando para um realismo quase apocalíptico, mas que culmina numa proposta redentora: a necessidade de *começar de novo*. A dramaturgia, segundo o autor, deve expandir-se do palco para o mundo, como ferramenta essencial para a reinvenção das relações entre humanos e natureza, e para a construção de novos sonhos sociais: “[Reshaping], from a clean start, the rules of engagement between humans and nature and redevising social dreaming.”

Este apelo ao recomeço ecoa no artigo de Simone Niehoff, que apresenta um exemplo concreto de uma “nação utópica”, nascida da resistência política. Nos anos 1980, na Alemanha, um coletivo teatral criou uma aldeia temporária como forma de protesto contra a construção de uma central nuclear. Durante um mês, essa comunidade

auto-organizada estruturou uma forma de vida baseada em princípios ecológicos e coletivos. Uma performance efémera, sim, mas profundamente transformadora. A crítica do grupo à visão antropocêntrica estava presente nos seus estatutos: “A state [...] which cannot maintain the natural balance between humans, plants, animals and minerals [...] is no longer his or her own!”

Rebecca Free e Mark Ingram apresentam o conceito de *communing* – fazer algo em comum – como prática artística e social, analisando três ações performativas promovidas em Marselha que mobilizam comunidades e questionam modelos de vida insustentáveis. Graça Corrêa defende que todo o teatro é político e, ao analisar duas peças, sublinha a presença de uma ecocrítica implícita em cada escolha estética e dramática. “Ecological arguments are never socially neutral any more than socio-political arguments are ecologically neutral”, escreve, citando David Harvey.

Mafalda Lencastre introduz o conceito de *glitch* para questionar a possibilidade de representação, propondo novas metodologias ontológicas. O seu texto sugere que a falha é uma ferramenta artística alternativa às formas de representação.

Outros artigos expandem o horizonte crítico dos estudos artísticos em torno das questões ecológicas. Bya Braga e Katia Brito trazem-nos o olhar das vivências indígenas brasileiras – onde natureza e cultura não são categorias separadas – para inspirar novas formas de fazer e pensar teatro. Bya Braga explora a relação entre performance e culturas indígenas, onde o humano e o natural coexistem sem separação. Katia Brito, por sua vez, investiga as possíveis imbricações entre a cosmopolítica indígena e as políticas cénicas, desafiando os paradigmas ocidentais antropocêntricos. Nas suas palavras, a arte

pode tornar-se “um território que propicia a prática do pensamento em estado selvagem”.

Apesar do reconhecimento de um colapso em curso, os vários artigos não são um voto de rendição, mas a necessidade de marcar um ponto de partida para um “recomeço”. Esse “recomeço” exige mais do que soluções técnicas ou reformas apressadas – exige imaginação, ação coletiva e, sobretudo, a reconstrução das formas de nos relacionarmos com o planeta, com os outros e connosco próprios. Neste contexto, o teatro e as artes performativas não surgem como resposta redentora, mas como práticas críticas e criativas que abrem espaço para o pensamento e para a criação de um sentido de comunidade. Como ferramenta de reflexão e resistência, a arte pode não salvar o mundo, mas pode contribuir para formar uma vontade coletiva de o fazer.

Na secção **Estudos Aplicados**, coordenada por Licínia Ferreira e Pedro Manuel, Yannick Fortes debruça-se sobre o teatro cabo-verdiano como espaço de criação identitária e resistência cultural, em que o conceito de crioulo é central. A partir da análise de três coletivos distintos, o texto revela a forma como a crioulação das artes – seja por meio da valorização de elementos culturais locais ou da adaptação de obras clássicas à realidade do arquipélago – contribui para afirmar uma identidade mestiça, plural e em constante transformação, refletindo a complexidade histórica e cultural da sociedade cabo-verdiana.

Na secção **Na Primeira Pessoa**, destacamos o trabalho de Lígia Soares, entrevistada por Gustavo Vicente. Com um percurso que cruza dança, teatro e performance, Lígia Soares fala-nos sobre as suas motivações para cada novo projeto e a forma como estes se relacionam com etapas e questionamentos da sua vida. No centro da prática está o corpo – não como objeto a ser observado, mas como presença viva,

política, vulnerável. Um corpo que se expõe, que toca e é tocado, e que tanto pode ser o dos artistas como o do público – o espectador deixa de ser passivo e passa a ser cúmplice.

Quando questionada sobre a importância de chegar ao outro, a artista responde: se a arte já não for um gesto relevante para o outro, não hesitará em mudar de caminho. Esta postura – que se traduz na recusa da espetacularidade vazia e na procura de formas coletivas de criação – ecoa as urgências climáticas que atravessam o Dossiê Temático. Porque, como ela mesma afirma, "há tantos perigos nos dias de hoje" que a arte não pode continuar a ser apenas um exercício estético: tem de ser um lugar de consciencialização, de partilha e de transformação. No seu trabalho insiste em criar comunidades – mesmo que precárias, mesmo que temporárias. E é talvez aí que reside o maior contributo da arte para enfrentar a crise climática: restaurar em nós a capacidade de estar com o outro, de escutar, de imaginar possibilidades que ainda não existem.

No **Portefólio**, conduzidos pelas palavras de Filipe Figueiredo e de Paula Gomes Magalhães, somos introduzidos no universo singular de Estelle Valente, cuja trajetória consolidada a afirma como uma das mais relevantes fotógrafas de cena da última década em Portugal. O seu olhar não se limita a captar o instante teatral – antes o transcende, procurando fixar nas imagens a emoção que a atravessa enquanto espectadora atenta. Como a própria afirma, o seu gesto fotográfico pretende “[refletir] a emoção que sente perante o que vê”, convertendo cada registo numa tradução entre o visível e o vivido.

A secção **Passos em Volta**, coordenada por Rita Martins e Catarina Firmo, evoca espetáculos recentes que passaram por palcos nacionais no último ano.

Pela escrita de Eunice Azevedo, somos conduzidos ao universo íntimo de *Love Supreme, peep show* delicadamente concebido pelos Artistas Unidos a partir do texto de Xavier Durringer. A encenação, protagonizada por Andreia Bento, desvela camadas de sonhos e vulnerabilidade, num jogo entre o olhar e a exposição.

Pela mão de Catarina Firmo temos um vislumbre dos espetáculos de marionetas e formas animadas do FIMP – Festival Internacional de Marionetas do Porto de 2024, onde se sucederam cenas sobre a liberdade do corpo feminino, a denúncia das lógicas de mercado, o relaxamento da *silly season* e os afetos, entre tantos outros assuntos. A autora apresenta o FIMP como um espaço que possibilita “celebrar em grupo e convocar o imaginário para resistir ao absurdo do mundo”.

Francisca Meleiro e Soledad Figueroa Rodríguez cruzam impressões sobre o festival End – Encontros de Novas Dramaturgias, que se realizou em 2024 em Guimarães e Coimbra. Num emaranhado dialético onde os idiomas e as sensações se entrelaçam numa simbiose perfeita, as suas palavras tecem um itinerário sensorial e idiomático que reflete a riqueza dialógica do evento. No centro desta tessitura emerge uma ideia fulcral: a “necesidad de generar estos encuentros colectivos para la lucha y para la posibilidad de un futuro” – uma urgência partilhada ao longo de todo este número.

Ohanna Pereira debruça-se sobre *O centro do mundo*, de Ana Borralho e João Galante, uma experiência imersiva que desafia as convenções do teatro presencial através da mediação por óculos de realidade virtual. A ausência física dos intérpretes gerou, paradoxalmente, uma experiência de presença coletiva entre os espectadores – um fenómeno que, nas palavras da autora, ecoa a reflexão de Jacques Rancière sobre o “desaparecimento do performer e o aparecimento do público”.

Maíra Santos propõe uma leitura de *Macacos*, espetáculo de Clayton Nascimento, cuja interpretação crua e visceral expõe com rara contundência a persistência do racismo estrutural e da violência policial no Brasil. A sua análise destaca a comunicabilidade pungente e performativa de Nascimento.

Bruno Schiappa elogia o espetáculo *Glory Hole*, pela sua coragem estética e temática. Reconhece a profundidade emocional e a sensibilidade poética da montagem, que trata com delicadeza e honestidade um tema ainda tabu. Através de *Glory Hole* defende-se a ideia de que algo poético e profundo pode emergir de contextos marginais, eróticos ou considerados socialmente “impuros”.

Por fim, Francesca Rayner reflete sobre *Uma peça para quem vive em tempo de extinção*, interrogando a forma como o espetáculo materializa o seu compromisso com a ecologia e a sustentabilidade, tanto nos temas abordados como nos próprios modos de produção. Um gesto que retoma e prolonga as questões levantadas no Dossiê Temático, reafirmando o potencial do teatro como agente de transformação frente à crise climática.

Neste número, a secção **Leituras**, coordenada por Teresa Faria e Emília Costa, inaugura um novo rumo editorial, centrado numa abordagem temática que orienta a seleção e elaboração das recensões. A abertura desta nova fase é dedicada à figura incontornável de Luiz Francisco Rebello, cuja multifacetada trajetória enquanto investigador, crítico, ensaísta, dramaturgo e jurista é revisitada através da análise de sete obras da sua autoria.

A abrir esta secção, o texto de Maria João Brilhante dá-nos a conhecer a biblioteca que Luiz Francisco Rebello legou à Faculdade de

Letras da Universidade de Lisboa – um legado precioso que reflete o espírito eclético do seu antigo proprietário. Esta biblioteca espelha um gosto plural por todas as formas de manifestação teatral, das formas clássicas às mais ousadas experimentações contemporâneas.

Pelas vozes críticas de Christine Zurbach, Eugénia Vasques, Emília Costa e Guilherme Filipe revisitamos textos emblemáticos para a compreensão da história do teatro em Portugal, nos quais se revela a amplitude da ação de Rebello enquanto homem do teatro e jurista, duas esferas que entrelaçou com notável coerência e paixão. Por via destas leituras, emerge a sua incansável luta em prol dos direitos de autor, o seu olhar panorâmico e integrador sobre o fenómeno teatral – nas suas várias abordagens cénicas – e o seu compromisso com uma dramaturgia social e politicamente engajada.

Este conjunto de recensões propõe, assim, não apenas uma leitura crítica da obra de Rebello, mas também um tributo à sua visão abrangente e humanista do teatro, convocando-nos a (re)descobrir a riqueza de um pensamento que soube aliar erudição, prática teatral e intervenção cívica.

Por fim, no rasto do realismo sombrio de um fim do mundo iminente, fica a pergunta: o que fazer agora? A resposta que este número parece oferecer, entre ensaios, testemunhos, análises e recensões, é clara: criar comunidade. Apostar no coletivo. Reforçar as ligações entre arte, vida e planeta. Porque se o fim do mundo já começou, também a esperança – e a ação – podem começar agora.

